

ZINE E PROCESSO DE CRIAÇÃO: LINO – FRAGMENTOS DE UMA EXISTÊNCIA SIMPLES

Ícaro Lênin Maia Malveira
UFC – LICCA
icarolmmalveira@gmail.com

João Vilnei de Oliveira Filho
UFC – LICCA; i2ADS – UP; iD+ – UA/UP
joaovilnei@gmail.com

RESUMO

Este trabalho investiga o processo de criação do zine *Lino – Fragmentos de uma existência simples*, lançado em julho de 2018. Entre os aspectos abordados, estão as relações intertextuais, o uso da metáfora visual nos fragmentos narrativos que integram a publicação, além de questões relacionadas ao seu projeto gráfico. Como aporte teórico, os zines são pensados a partir da pesquisa e obra de Magalhães (1993), as técnicas de publicação artesanal levam em conta a obra de Rivers (2016) e os comentários sobre as publicações artesanais de Limoeiro do Norte levam em consideração o estudo feito na dissertação de Malveira (2020). O uso da linguagem dos quadrinhos e da arte sequencial dão forma aos episódios que moldam a história do Lino e a análise aqui proposta, compreende as possibilidades de sentido e subjetivação das metáforas utilizadas, bem como a discussão sobre diferentes tipos de materiais e técnicas que possam ser incorporados aos zines, possibilitando um projeto gráfico mais elaborado. As conclusões apontam para a dificuldade de produção, mesmo em pequena escala, de zines que têm um nível maior de refinamento gráfico. De modo mais amplo, a bibliografia utilizada também passa pelas seguintes obras e autores: *Quadrinhos e Arte Sequencial* (1989), de Will Eisner; *Contos dos Subúrbios* (2011), de Shaun Tan; *Marc Chagall* (1999), de Walter e Metzger. Este trabalho é uma produção do Laboratório de Investigação em Corpo, Comunicação e Arte (LICCA-UFC) e está situado no contexto de uma pesquisa de mestrado que busca relacionar os fanzines e suas possíveis interlocuções com o espaço da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: fanzine; publicação; quadrinhos

Introdução

Ponho-me a escrever teu nome
com letras de macarrão.
No prato, a sopa esfria, cheia de escamas
e debruçados na mesa todos contemplam
esse romântico trabalho.
(DRUMMOND, 2012)

Braços sobre a mesa e mãos no rosto, uma colher que se move através de um alfabeto comestível e à sombra de pensamentos alheios; com um mínimo esforço, consigo imaginar a silhueta melancólica. Uma marca recorrente, pude perceber depois, de uma poética centrada em uma perspectiva *gauche*, ampliada em um eixo espaço-tempo. Em 2017, já havia o exemplar com a poesia completa de Drummond¹ na minha estante, de onde li, ao longo do tempo, poemas de vários momentos diferentes da produção do autor.

Alguns deles, referências que compunham um imaginário melancólico à minha volta e que reuni a fim de desenhar uma história que, como na maioria das vezes, ainda não sabia exatamente sobre o que era. Tendo um gosto especial pela poesia e pela metáfora, pensei em como poderia introduzir esses elementos, à minha maneira, em um zine de quadrinhos. Um ideia antiga em que buscava misturar a vertente poético-literária à linguagem dos cartuns e tirinhas. Imaginei que a forma mais fácil de começar seria relacionando diretamente o texto poético ao desenho. Assim, veio a primeira ilustração (figura 1) em torno da qual se reuniram variadas sequências de narrativas que tomariam forma de história e contariam sobre a formação de um personagem.



Figura 1 - Desenho de 20 de julho de 2017
Fonte: Acervo pessoal.

¹ Os versos que abrem o trabalho são um trecho do poema *Sentimental*, publicado no livro *Alguma poesia* (1930), de Carlos Drummond de Andrade.

O zine de que se trata aqui, saiu com o seguinte título: *Lino – Fragmentos de uma existência simples*, tendo sido iniciado no mês de julho de 2017. Ao longo do tempo, o projeto foi ganhando corpo, sua divisão por capítulos foi agregando episódios e alcançou 112 páginas de pequenas narrativas, em sua maioria fragmentárias, mas que atravessam a vida da personagem principal que ora se apresenta: Lino. O tempo de sua produção foi dividido com a atividade docente na escola particular e com o mestrado. Com a rotina de professor de Literatura e Arte-Educação e o tempo limitado, a maioria dos desenhos foi feito nos finais de semana. Depois de muito hiato em diferentes momentos das composições e do planejamento, sua produção e projeto gráfico foram concluídas em julho de 2018.

O presente texto trata de aspectos do processo de criação desse zine. O percurso é apresentado por meio dos desenhos e ilustrações que constam no processo final de edição e montagem, bem como os arquivos de processo, que apresentam uma perspectiva da criação autoral, independente e artesanal.

Intertextualidade

O primeiro desenho tem como inspiração e modelo as ilustrações do artista australiano Shaun Tan feitas para sua história intitulada *Eric*, um dos capítulos do livro *Contos dos Subúrbios* (2011). No conto, o narrador resgata a memória de um acontecimento peculiar, quando sua família recebeu em casa um universitário estrangeiro: “Tinha um nome difícil de pronunciar, mas ele não fez questão disso. Disse-nos para lhe chamarmos só ‘Eric’” (TAN, 2011, p. 8). Bastante curioso e, à revelia do que seus anfitriões julgavam ser interessante ou não a alguém como ele, o pequenino hóspede tinha interesse nas coisas minúsculas recolhidas ao chão e nos objetos mais simples do cotidiano.

A história de Tan (2011), que busca dimensionar a beleza das pequenas coisas, encontra no deslumbramento do outro, talvez um desconhecido, uma ponte que nos leva ao íntimo daquilo que nos cerca e, à primeira vista, parece banal e corriqueiro. O tamanho diminuto do personagem (figura 2), menor que um livro, que uma carta ou mesmo que uma caixa de cereais, também caracteriza, num primeiro momento em que é desenhado, o Lino.

Eric



Figura 2 - Eric, ilustração que abre a história homônima de Shaun Tan
Fonte: *Contos dos Subúrbios* (2008, p.8).

Lino – Fragmentos de uma existência simples começou a tomar forma como narrativa gráfica a partir do momento em que os desenhos soltos foram se organizando em episódios breves, à guisa de capítulos. Estes trazem várias situações da vida do personagem percorrendo uma linha do tempo fragmentada, que vai desde o seu nascimento até o fim da vida. Nos desenhos, a configuração que os quadros têm ao longo da narrativa, assim como na história ilustrada de Tan (2008), trazem bordas arredondadas e sem linhas de contorno, as hachuras feitas com lápis 2B e 4B é que sugerem os limites do quadro.

À sua maneira bastante simples, os episódios que compõem os fragmentos de existência do Lino passaram a ser pensados dentro de uma gramática visual das histórias em quadrinhos ou, “arte sequencial”, se tomarmos o termo usado por Eisner (1985), em sua obra *Quadrinhos e Arte Sequencial*.



Figura 3 - Capítulo dois do zine *Lino - Fragmentos de uma existência simples* (págs. 13 e 14)
Fonte: Acervo pessoal.

O processo de criação que se seguiu, durou cerca de um ano, entre julho de 2017 e julho de 2018, com aproximadamente 180 quadros desenhados. Da relação inicial com o conto de Tan (2008), a história estabelece um diálogo com outras obras, desenvolvendo outros jogos intertextuais (figura 4), por exemplo, com a pintura *The Betrothed and the Eiffel Tower* (1913), de Marc Chagall. É recorrente na obra do artista a imagem dos amantes em flutuação, uma condição que lhes parece natural, dentro do universo pictórico da obra.

A ausência de gravidade alada que caracteriza o casal na pintura é na verdade uma transcrição visual de metáforas, uma reformulação fiel ao significado de uma imagem verbal em uma imagem pintada uma transposição da poesia à imagem das formas (WALTHER; METZGER, 1999, p. 40, tradução nossa).



Figura 4 - Capítulo intitulado *Marc Chagall*, em *Lino - Fragmentos de uma existência simples* (Esq.) e *The Betrothed and the Eiffel Tower* (1913), Marc Chagall (Dir.)
Fonte: https://arthive.com/marcchagall/works/224835~The_betrothed_and_Eiffel_tower.

A imagem acima mostra o Lino e a esposa depois do casamento, acontecimento que precedeu desventuras amorosas outras, tão desbaratadas quanto mal resolvidas; no desenho, em meio a um fundo de nuvens, ambos estão vestidos à caráter. A relação intertextual com a obra de Marc Chagall está além da semelhança na composição visual em si, uma vez que também busca resgatar a metáfora da flutuação para representar estados emocionais, como felicidade e êxtase entre os enamorados.

A história do Lino apresenta uma linha do tempo que se divide em pelo menos cinco conjuntos de momentos/fragmentos. Portanto, a sua representação gráfica muda ao longo da narrativa. Os episódios acumulam-se em maior número principalmente na sua fase de amadurecimento (figura 5), entre a adolescência e a vida adulta. Nela, os fragmentos mostram pequenos ensaios sobre amor frustrado e correspondido, solidão, nostalgia, desejo, angústia e sensações várias que emanam de conflitos e relações familiares. Nessas composições, a metáfora visual passa a ser um recurso utilizado com frequência, além da sua importância em sugerir estados de espírito, proporciona soluções visuais diferentes para a narrativa. Quando a temática amorosa é um elemento central, por exemplo, variadas formas de abordagem são experimentadas para o personagem, que pode ser um suposto prisioneiro, outras vezes um cavaleiro sem feridas, ou mesmo um indivíduo MELANCÚBICO.

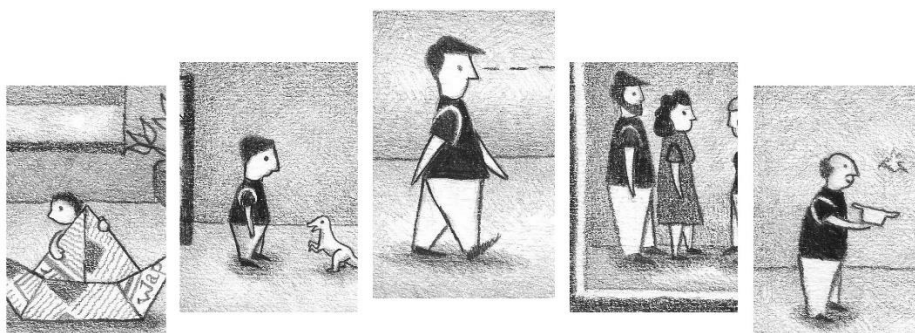


Figura 5 - Lino em diferentes fases da vida
Fonte: Acervo pessoal.

Organização e projeto gráfico

Entre os arquivos de processo do zine *Lino - Fragmentos de uma existência simples* está um caderno (figura 6), onde os páginas/episódios foram dispostos em miniaturas: pequenos quadrados que, em conjunto, permitem uma

visão ampla do projeto, bem como ter uma ideia quanto ao seu tamanho e número de páginas. Alguns episódios foram retirados, outros acrescentados e mudanças na sua ordem foram feitas ao longo do tempo. Os quadrados eram pintados de vermelho à medida em que os desenhos iam sendo concluídos.

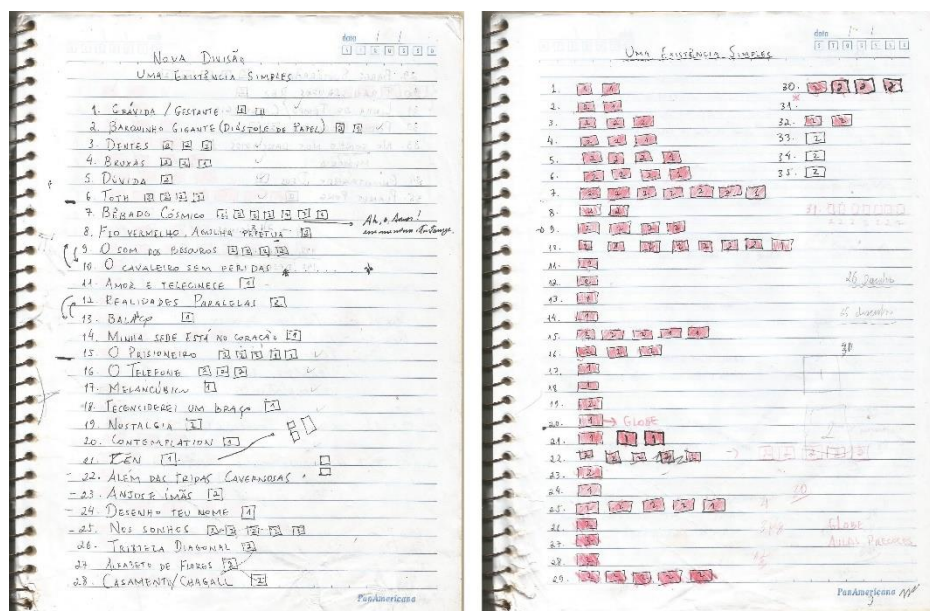


Figura 6 - Arquivos de processo do zine *Lino - Fragmentos de uma Existência Simples*
Fonte: Acervo pessoal.

O ritmo da produção era bastante irregular no segundo semestre de 2017, na maioria das vezes, esboço e finalização eram feitos nos sábados e domingos. No início de 2018, esse andamento se intensificou com páginas produzidas ao longo, também, dos demais dias da semana. As possibilidades gráficas em que pensei, compreendem ora páginas com um quadro grande, ora páginas com um quadro pequeno, além daquelas com um dois quadros pequenos, presentes na maior parte da narrativa. Ou seja, modelos de *layout* de página de quadrinhos muitos simples, com poucas divisões.

Essa escolha se justifica na medida em que minha experiência como autor de quadrinhos estava se fazendo ali. Por isso optei por esquemas de quadrinização mais fáceis de executar. Nesse sentido, o zine acabou se tornando um laboratório de aprendizado, tanto para pensar, como para colocar em prática os recursos da arte sequencial e de narrativa. Outra marca da busca constante pela apreensão da linguagem dos quadrinhos e, mesmo de inacabamento, está nos desenhos, que ficaram a lápis, ou seja, não foram finalizados com tinta nanquim. Essa escolha, como pude perceber ao longo do

processo, valorizou a textura do traço do lápis no papel e o preenchimento dos quadros pelas hachuras acabou dispensando as linhas de contorno.

Em junho de 2018, os desenhos foram finalizados e, durante as impressões de teste, as 112 páginas foram divididas em sete cadernos diferentes com os quais seria feita uma encadernação costurada. Em outros zines que produzi, fiz experiências com costura tendo como finalidade valorizar o aspecto artesanal da edição, embora tenha optado por um estilo simples, como a brochura. No entanto, para esse novo projeto, a intenção era associar ao projeto gráfico uma costura mais complexa, dentre as quais, escolhi a copta (figura 7).

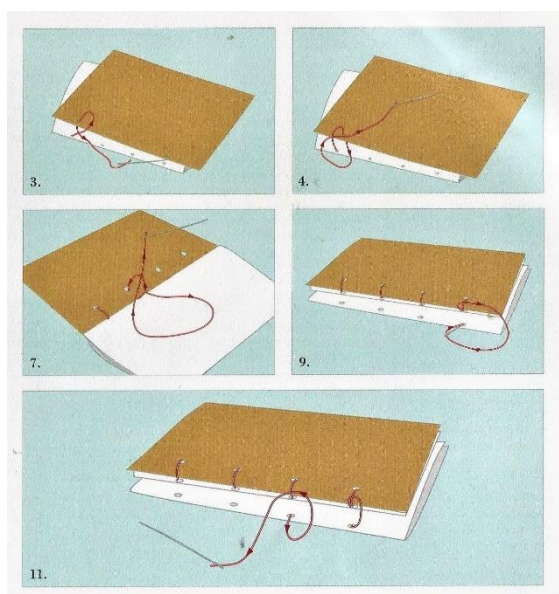


Figura 7 - Passo a passo inicial para a encadernação no estilo copta

Fonte: Como fazer seus próprios livros: novas ideias e técnicas tradicionais para a criação artesanal de livros (2016, p. 153).

As encadernações costuradas acrescentam um aspecto decorativo às publicações, sendo a costura em estilo copta uma das mais elaboradas. Da forma como é feita, deixa uma sequência de filamentos na lombada exposta. São elementos que ressaltam o trabalho meticuloso do encadernador/artesão. Um aspecto desse estilo de encadernação manual é o seguinte: quanto mais fina a linha utilizada, mais difícil e demorada sua manipulação, no zine *Lino – Fragmentos de uma existência simples*, alguns exemplares foram feitos com linha encerada e outros com linha de costura simples, o que dificultou bastante o processo nessa referida etapa.

A montagem da capa teve por base o papel Paraná. Vários testes foram feitos através da combinação desse papel com outros por meio da colagem, a

fim de encontrar uma versão final para a capa do zine. Dentre a sorte de papéis utilizados (figura 8) nesse ponto da produção, podem-se mencionar: folha de envelope, papel de caderno pautado, papel Pequim, papel color set marrom e vermelho, além de outras cores. Os resultados tinham um aspecto rústico, principalmente porque a face do papel Paraná se mantinha exposta.



Figura 8 - Possibilidades de capa para o zine *Lino - Fragmentos de uma existência simples*
Fonte: Acervo pessoal.

Por fim, a combinação para o projeto gráfico da capa apresentou a seguinte escolha de papéis e ordem de colagem: sobre os recortes de papel Paraná em tamanho A5, uma colagem de folha color set preto também em formato A5, e sobre ela, uma folha de papel Pequim marrom com os seguintes elementos impressos: nome do zine, autoria e uma das ilustrações em que se identifica o Lino. O desenho escolhido é referente à página 66: MELANCÚBICO. Por dentro, a capa estava colada ao miolo com papel reciclado de 200g/m². A seguir (figura 9), o resultado final da montagem para um exemplar.

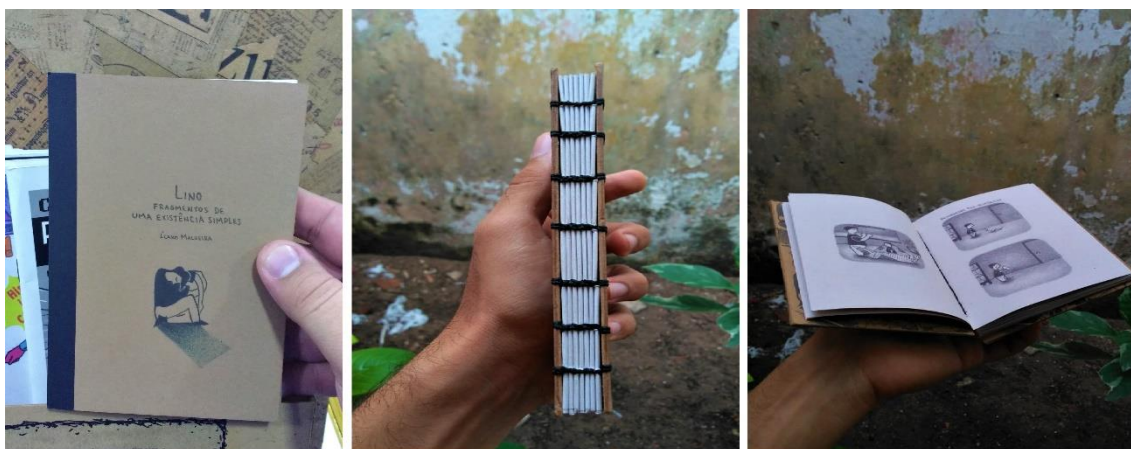


Figura 9 - Exemplar montado do zine *Lino - Fragmentos de uma existência simples*
Fonte: Acervo do autor.

Zines de quadrinhos

Como professor de Arte-Educação, em Limoeiro do Norte-CE, uma das linguagens que trabalho durante as aulas em quase todas as turmas é a arte sequencial, as histórias em quadrinhos. Criar um zine de quadrinhos com uma história autoral, foi uma forma de relacionar num mesmo processo de criação esses dois meios de expressão que venho amadurecendo desde 2012. Período esse em que produzi os primeiros zines como faneditor, os *Gramas de Poesia*, publicações de cunho literário que traziam poemas autorais. Por sua vez, o Lino – Fragmentos de uma existência simples foi a primeira experiência com publicação em que pude misturar os zines e as histórias em quadrinhos. Estas ocupam uma categoria específica se levarmos em conta a maneira como, em um primeiro momento, os zines são divididos. Sobre a questão, Magalhães (1993) comenta:

Os fanzines podem ser divididos em quatro grupos, ou gêneros básicos: ficção científica, música (que inclui os fanzines punks), gêneros diversos (que abrangem os “fanzines políticos”, os que misturam vários gêneros) e quadrinhos. (MAGALHÃES, 1993, p. 17).

Os zines de quadrinhos representam uma volumosa quantidade de títulos e tiveram ampla circulação ao longo do tempo. Contexto esse que remete à década de 60, quando se costuma fazer uma divisão em fases: pioneiros (1965 a 1976); consolidação (1977 a 1982), expansão (1983 a 1986) e a fase de crise, que ultrapassa o anos 80, como afirma Magalhães (1993). Por todo o Brasil eclodiram publicações que apontavam desde estudos críticos e resenhas de histórias em quadrinhos, até histórias autorais com personagens já existentes ou criados pelo autor.

Em Limoeiro do Norte, comecei a produzir zines sem o conhecimento acerca de outras publicações desse tipo na cidade. Percebo que, ainda hoje, trata-se de um tipo de revista ou produção que pouco se encontra por aqui. Na biblioteca pública da cidade², no entanto, há muitos cordéis, livretos,

2 Biblioteca Pública Municipal Dr. João Eduardo Neto, localizada no município de Limoeiro do Norte.

autobiografias e outras publicações que estabelecem uma linha de aproximação com a lógica de produção dos zines.

Entre 2018 e 2020, durante minha pesquisa no mestrado em Artes na UFC – com ênfase nas interlocuções e atravessamentos entre zine e cidade – tive a oportunidade de analisar duas publicações de Limoeiro que carregam fortes marcas do processo de criação de zines. A primeira delas, a *Revista Kuandu* (1977), foi organizada por alunos, professores e pelo diretor³ do Colégio Diocesano Pe. Anchieta⁴. A segunda revista, *Neobarroca* (1992), foi produzida integralmente pelo ex-professor de Língua Portuguesa do Colégio Diocesano, José Lima Malveira. Ambas tinham uma produção artesanal, os originais foram preparados em estêncil, as cópias mimeografadas, a montagem feita com páginas separadas e grampeadas, coletivamente. Por fim, as duas tiveram pequena tiragem (menos de 100 exemplares) e a distribuição foi feita de mão em mão ou pelos correios (MALVEIRA, 2020).

Como pesquisador e artista interessado na produção de zines e, também, professor da instituição de onde as mencionadas revistas são provenientes, pude estabelecer relações entre minha pesquisa e o espaço do Colégio Diocesano. Lá, criei uma caixa de leitura de zines que hoje está na biblioteca da escola e, dentre os títulos que lá constam, pus uma edição do *Lino – Fragmentos de uma existência simples*.

Considerações finais

Abaixo (figura 10), está disponível o *link* de acesso à versão digitalizada do zine *Lino – Fragmentos de uma existência simples*. Depois de alguns meses da confecção dos primeiros exemplares impressos, esse arquivo foi montado para compartilhamento com aqueles que tiverem interesse em sua leitura. Passado o tempo desde suas primeiras montagens, admito que apenas através dele é possível ter acesso a esse material hoje, pois o exemplar físico não circula

³ O Pe. Francisco de Assis Pitombeira esteve à frente do Colégio Diocesano Pe. Anchieta durante sessenta anos, sendo o diretor mais longo da instituição.

⁴ Instituição educacional particular do município de Limoeiro do Norte, fundada em 1942. Ao longo de décadas, o Colégio Diocesano se consolidou uma das instituições educacionais de maior tradição no interior do Ceará, além de manter uma forte ligação com a vida intelectual e cultural da cidade.

em gibiterias, lojas especializadas, tampouco guardo cópias que possam ser vendidas, negociadas ou trocadas.



Figura 10 - *Lino - Fragmentos de uma Existência Simples* (Edição do autor - versão digital)
Fonte: <https://drive.google.com/open?id=1S6YcMa7WW1FSfWwa6WvdG6Jm2leQ9lPI>.

Ao todo, menos de dez cópias foram produzidas e distribuídas entre pessoas queridas de Limoeiro do Norte e Fortaleza. Dois exemplares foram enviados para a Feira Dente de Publicações, com vista a concorrer ao 4º Prêmio Dente de Ouro (2019), circunstância em que figurou entre os onze finalistas⁵ da categoria zine. Ainda, os originais do zine *Lino – Fragmentos de uma existência simples*, feitos em papel Canson A4, foram expostos em uma oficina intitulada “Zine e Processo de Criação”⁶, na UFC – Campus Quixadá, como parte da disciplina Edição Digital de Imagens, ministrada pelo professor João Vilnei.

A quantidade reduzida de cópias do zine e a sua circulação restrita se devem, principalmente, ao impacto que as escolhas relacionadas ao projeto gráfico feitas durante o processo de criação tiveram na produção. Percebi que era necessário dividir a montagem do zine em diferentes etapas, dada a sua quantidade de detalhes. Para finalizar um único exemplar, era preciso uma etapa para recorte e preparação da capa e do miolo com sete cadernos, outra para fazer a encadernação através da costura copta e finalização da capa, além da montagem final e ajustes finos. Ao todo, levava entre duas e três horas para montar um único exemplar.

A fanedição, nesse caso em particular, exigia uma artesanaria apurada para colagem e costura. Embora estivesse habituado com as referidas técnicas,

5 Ver finalistas da categoria zine em 2019 - <https://feiradente.com/premio-dente-de-ouro/edicao-2019/>

6 A oficina “Zine e Processos de Criação”, realizada em 31/10 de 2018, foi uma atividade realizada durante o cumprimento do Estágio de Docência, componente obrigatório do currículo do Programa de Pós-graduação em Artes da UFC (PPGArtes-UFC). O Prof. Dr. João Vilnei de Oliveira Filho foi meu orientador durante o percurso.

algumas dificuldades que inviabilizaram a produção em escala dos exemplares podem ser apontadas. A primeira delas foi a ausência de outras pessoas envolvidas no projeto e que possibilitassem a criação de uma logística de montagem, em que cada um pudesse fazer uma etapa individualmente (recorte, costura, montagem das capas, etc.) em uma estação de trabalho própria. A segunda foi a falta de acesso a materiais básicos e específicos para encadernação (dobradeira, base de corte, agulhão, etc.).

Outros aspectos condicionaram a produção restrita, dentre eles: a ausência de um ateliê ou espaço adequado para esse tipo de projeto – minha área de trabalho é um quarto/escritório. A maioria das cópias foi feita durante os finais de semana, quando tinha tempo livre. Nesses momentos, a vontade enérgica de mostrar o resultado final para as pessoas não condizia com o lento processo de encadernação, quando tantas vezes a linha se quebrava, contorcia-se até virar um nó, ou entrava pelo furo ou alça errada.

No final das contas, *Lino – Fragmentos de uma existência simples* tem a aparência de um livro artesanal, no entanto, como publicação artesanal que é, desde o início foi pensada como um zine e para assim ser chamada. Suas cópias feitas em impressora de modelo simples ou xérox comum e distribuídas pelo próprio autor ou pelos correios, carregam em si todas as etapas do processo de criação dos zines. Principalmente dos que esticam, aqui e ali, qualquer fronteira durante as experimentações que absorvem, enquanto seus autores logram novas possibilidades gráficas e de formato. Como artista, zineiro e pesquisador, tenho muito orgulho do Lino e, sempre que posso, faço a montagem de uma de suas cópias. Em outras circunstâncias, carrego os originais na mochila para mostrar em sala de aula, e até mesmo escrevo propostas de oficina em que, tanto o personagem como o zine em si, possam ter centralidade e venham a desencadear novas atividades e processos. Agora mesmo, por exemplo, ao pensar em novas aberturas através das quais fosse possível apresentar o zine, pude transformá-lo no tema para este artigo.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma Poesia**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine**. São Paulo: Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1993.

MALVEIRA, Ícaro Lênin Maia. **Zine-cidade**: vivendo a cidade através da criação de zines. Orientador: João Vilnei de Oliveira Filho. 2020. 226 p. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Cultura e Arte, Campus do Pici, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

RIVERS, Charlotte. **Como fazer seus próprios livros**: novas ideias e técnicas tradicionais para a criação artesanal de livros. São Paulo: Gustavo Gili, 2016.

TAN, Shaun. **Contos dos Subúrbios**. Lisboa: Contraponto, 2011.

WALTHER, Ingo; METZGER, Rainer. **Marc Chagall**. Colonia: Taschen, 1999.

Ícaro Lênin Maia Malveira

Mestre em Artes pelo Programa de Pós-graduação em Artes da UFC. Graduado em Letras/Português – Licenciatura pela UECE. Trabalha como professor no Colégio Diocesano Pe. Anchieta desde 2012, onde ministras aulas de Arte-educação e Literatura. Tem interesse pela pesquisa e criação de fanzine e por suas interlocuções e atravessamentos com o espaço da cidade.

João Vilnei de Oliveira Filho

Doutor (2017) em Arte e Design pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto/FBAUP, mestre (2009) em Criação Artística Contemporânea pela Universidade de Aveiro/UA e bacharel (2006) em Comunicação Social Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Ceará/UFC. É professor adjunto do Campus da UFC em Quixadá e membro do LICCA – Laboratório de Investigação em Corpo, Comunicação e Arte, i2ADS – Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade/FBAUP e iD+ - Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura/UA-UP.